## Artes Visuais

# A Universidade está 50 anos atrasada

FERNANDO CERQUEIRA LEMOS

Ana Mae Barbosa: a tecnocracia está podando a colaboração do artista.

Ana Mae Barbosa, professora de Prática de Ensino de Artes Plásticas e de Prática de Ensino de Educação Artística da ECA — Escola de Comunicações e Arte da USP, e organizadora da Semana de Arte e Ensino, realizada em setembro do ano passado, desabafa:

"A Universidade brasileira acolhe maternalmente as artes, mas não dá condições para que elas se desenvolvam.

"Em primeiro lugar submetem as pesquisas em arte aos mesmos princípios categorizadores das pesquisas em linguagem verbal. Se a Universidade já é capaz de distinguir as especificidades que diferenciam as pesquisas em ciências e em linguagem verbal, por que não respeita as especificidades da pesquisa em arte não verbal?"

Ana Mae há algum tempo foi convocada, com mais dois companheiros, um do Departamento de Teatro e outro de Arquitetura, para uma reunião com a Câmara de Pesquisa da USP, de que só fazem parte cientistas muito ilustres. "Fomos convidados a dar opinião sobre um questionário que seria aplicado aos professores de Arte, a fim de classificar suas pesquisas."

Diante da clássica categorização determinada pelo questionário, pintura, desenho, escultura etc, Ana Mae tentou explicar que estas categorias já não correspondem à natureza e ao desenvolvimento das artes contemporâneas. "Como tinha sido recente minha visita à Documenta de Kassel, procurei mostrar a impossibilidade e a inutilidade de classificar dentro daquelas categorias o trabalho que Joseph Beuys apresenta naquela exposição, assim como os trabalhos de Christo (Running Fence), de Ira Joel Haber (The ME. Theler piece) e de Les Levine (Presidencial Travels).

"Como resposta — conta Ana Mae Barbosa — ouvi uma pergunta: Você considera essa coisa arte?

"O colega do Departamento de Teatro que me acompanhava tinha uma experiência pessoal definitiva para provar a inadequação dos critérios da USP, para julgar as pesquisas em arte.

"Para recontratação como professor, ele havia apresentado um relatório de atividades docentes e de pesquisas realizadas durante o contrato anterior. Entre elas destacava a construção de um objeto-arte. O relatório foi julgado insuficiente e o objeto-arte desconsiderado como arte. Por isto, ele, como punição, passou do regime de trabalho em tempo completo (24 horas) para o regime de trabalho em tempo parcial (12 horas). Este objeto-arte obteve um dos primeiros prêmios em um concurso nacional e foi exibido fora do Brasil.

"Esta é apenas uma dentre as muitas historinhas de horror da Arte-Educação que eu conheço" — disse.

Ana Mae acha que a arte na Universidade está pelo menos 50 anos atrasada em relação à arte contemporânea, o que desestimula a aproximação do artista com a Universidade.

"Em geral o artista quando ensina na Universidade encara sua atividade como uma provação, um mal necessário à sua sobrevivência, dadas as dificuldades para se manter como professor. Contudo, o grande artista é intrinsecamente um educador. Ele através da arte não só revela, mas também afeta o mundo ao redor dele.

"O artista, através de sua obra, prepara seu público para a aceitação de uma nova estética, de um novo pensamento visual, e isso é função educacional."

Ana Mae Barbosa conta que a única experiência universitária que se organizou em torno do respeito às especificidades das linguagens artísticas e da função educadora do artista, teve curta duração. Trata-se do Black Mountain College (1933-1956) nos Estados Unidos, uma verdadeira experiência de educação através da arte, numa escola não especializada em arte.

"Lá — prossegue — o artista era aceito como professor, não pelo seu currículo ou seus títulos, mas pelo interesse demonstrado pelas propostas educacionais da Escola, pelo que poderia oferecer de relevante no desenvolvimento daquele projeto educacional.

"Assim John Cage e Cunningham, ainda desconhecidos, procuraram emprego no Black Mountain College e lá realizaram suas primeiras grandes propostas artísticas e educacionais. Jacob Lawrence, um discriminado artista negro, lá ensinou ao lado de figuras já famosas como Gropius e Albers.

O Black Mountain College foi o ecumenismo artístico em torno de um projeto educacional. Vale a pena citar, entre os professores: Lionel Feininger, Ossip Zadkine, Alvin Lustig, Buckminster Fuller, Erich Kahler, Charles Olson, Kline, Kooning, Richard Lippold, Robert Monterwell e, entre os estudantes, Paul Goodman, Rauschenberg e Kenneth Noland.

"Acredito que a experiência do Black Mountain College foi possível porque desde o Romantismo o artista era aceito no campus universitário como presença enriquecedora. A figura do "artista em residência" existe nas universidades americanas desde os meados do século 19 e persiste até hoje.

"Artistas são convidados a permanecerem dois semestres em uma universidade, em geral sem obrigação de dar cursos, mas apenas de manter seu ateliê aberto aos estudantes interessados, de ter alguns encontros informais, quase sempre na hora do almoço, com alunos e professores e talvez dar uma ou outra palestra mais formal."

Lembra Ana Mae que a Universidade de Brasília tentou algo semelhante: "Os artistas-professores tinham seus ateliês dentro do campus e os alunos interessados podiam frequentá-los."

"Agora o espírito pré-capitalista e tecnocrata que domina a educação brasileira está matando, reduzindo, podando as possibilidades do artista de colaborar na construção de uma experiência universitária criativa. É um economista, Celso Furtado, quem nos demonstra em seu livro "Criatividade e Dependência" que só através do desenvolvimento de nosso poder criador, conseguiremos vencer a dependência cultural a que estamos submetidos."

Ana Mae Barbosa esclarece no final, que não está advogando em causa própria, porque, afinal, não é artista.

## A casa de câmara e cadeia de Santos

O pintor Jorge Guerreiro, de Santos, a respeito de comentários nesta página sobre ex-futuro museu histórico daquela cidade, manda carta esclarecendo aspectos da questão. — F.C.L.

Escreve Jorge Guerreiro:

"No jornal "Folha de São Paulo" de 1 do mês corrente, na página 34 (4.º Caderno), sob o título "Questões de Memória", escreve o ilustre jornalista um artigo, motivado por uma carta do leitor Sr. José Eduardo Ramos Rodrigues, acerca do descaso das autoridades municipais e estaduais por determinados monumentos, perante a destruição do tempo e da inaplicação dos mesmos ou desvirtuamento da sua função.

"Meritório é, sem dúvida, o seu interesse, como meritório é o interesse do Senhor Ramos Rodrigues e, parcialmente estou de acordo com os seus comentários. Entretanto, no que se refere à antiga Casa de Câmara e Cadeia, de arquitetura novecentista, cujo valor é discutível, isso segundo o próprio Luís Saia que chefiou a primeira reforma do edifício, abandonada há muitos anos e reservada à instalação de um Museu, denominado dos Andradas, Histórico de Santos e de outras coisas, quer-me parecer haver um pouco de desinformação por parte, tanto do seu leitor, como do prezado jornalista.

"Retrocedamos no tempo e nos lembremos das circunstâncias que originaram o "abandono" do citado edifício. Depois do mesmo se tornar obsoleto para as respetivas funções, de ter sido substituído pela Câmara, mais tarde pelo Forum e finalmente, pela Cadeia, através de outras instalações, ficou o prédio encerrado, à mercê de discussões que se arrastaram durante muitos anos, alimentadas por uns, que pretendiam a sua demolição, pura e simples, para facilitar o acesso às avenidas que levam às praias e por outros que achavam o local ideal para a instalação de um museu. Houve ainda diversas idéias diferentes que não chegaram a vingar e cujo conteúdo se perdeu.

"Durante tais discussões, a maior parte das quais estão documentadas, pois fazem parte das atas das sessões da Câmara Municipal, não foram poucas as vozes que se levantaram para dizer com veemência que o local deveria ser demolido, pois servia como um "monumento erguido à violência e ao sofrimento", tais teriam sido as atrocidades ali praticadas pelos antigos sistemas carcerários.

"Muita gente há que ainda se lembra dos gritos e gemidos de sofrimento que se escutavam quando por suas imediações passava alguém e, essa gente considerava que a manutenção do prédio seria como que uma memória permanente dessas tristes recordações.

"Depois de tudo isso prevaleceu o bom-senso e o edifício não foi demolido. Começou, então, a planejar-se a instalação de um Museu e, isso, motivou o tombamento.

"Vários foram os planejamentos apresentados. Eu mesmo participei ativamente de um grupo de trabalho, formado integralmente por alunos de Museologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, curso que completei e que, uma única vez foi realizado em Santos.

"Entretanto, foram iniciadas as primeiras obras para a restauração do edifício e mal estas completadas, começaram as segundas. Presentemente estão iniciando as terceiras.

"Visava-se a instalação de um Museu. Muito bem. Só que o espaço físico para o mesmo jamais foi preparado. Como instalar um museu numa casa sem janelas de vidro? Como instalar um museu numa casa sem fechos nas portas? Como instalar um museu sem pessoal para organizá-lo? E, finalmente, como instalar um museu sem acervo?...

"Deixemo-nos de paliativos inúteis e enfrentemos a realidade: o Museu não foi instalado por diversas razões, talvez algumas até políticas, mas as essenciais foram a falta de acervo, de instalações adequadas e o interesse de pessoas abnegadas para a sua estrutura, organização e implantação. Vimos muita gente pleiteando cargos remunerados, conhecemos até algumas, mas ninguém que, de fato, se propusesse a essa tarefa com denodo e seriedade.

"E o prédio continuava exposto ao tempo, sem utilidade, se autodestruindo. Para o estimado jornalista ter uma pálida idéia do desinteresse que havia pelo edifício, basta citar o fato de que a chave se encontrava perdida, sendo necessária a intervenção pessoal do Secretário Estadual de Cultura, Cunha Bueno, para que a mesma fosse encontrada.

"Em junho do ano passado o Delegado da Secretaria de Cultura do Estado, Dr. Sérgio Freire Pinto, decidiu, a fim de dar vida ao prédio, instalar nele sua Delegacia. Logo depois, o signatário, movido única e simplesmente por idealismo, sugeriu ao Delegado a criação de um espaço destinado às Artes, no que foi prontamente atendido.

"Assim, em julho de 1980, começaram a funcionar, nas antigas celas do edifício, a título precário e até que o Condephaat lhe dê uma melhor utilização, ateliês de Pintura, Escultura e Gravura; salas de ensaios para grupos de Teatro Amador, Movimento de Cinema, Poesia, Música, etc. Igualmente foi inaugurado um salão permanente de exposições, destinado a dar ao visitante, especialmente ao turista, um panorama das artes plásticas da região.

"O Ateliê de Pintura, entregue à minha orientação, registra a presença de 42 alunos, com uma faixa etária dos 10 aos 70 anos, onde são exploradas as vocações reais, sem pagamento de qualquer taxa e, em muitos casos, até o material lhes é oferecido. Eu, também não ganho qualquer ordenado ou gratificação ou verba estadual ou municipal.

"O mesmo acontece com todos os setores artísticos que na antiga Câmara e Cadeia estão sediados, entregues, todos eles a profissionais cujos "currículo" estão acima de dúvidas, quanto à capacidade, competência e idoneidade.

"Alunos meus estão realizando suas primeiras mostras, sendo premiados em salões oficiais e, tudo isso, porque o meu idealismo conseguiu um espaço físico para funcionar.

" Está em preparação uma orquestra sinfônica juvenil; as apresentações cinematográficas sucedem-se; os grupos teatrais ensaiam suas peças que depois exibem nos colégios (uma delas sobre a História de Santos)... Tudo isso, para depois o prezado jornalista afirmar em sua matéria que a velha cadeia "é uma célula política do Governo do Estado" e onde funcionam "cursos sem expressão de pintura e música".

"Não pretendemos, caro senhor Fernando Cerqueira Lemos, estabelecer qualquer polêmica, nem estamos pedindo que nossa carta seja publicada. O que queremos, isso sim, é pô-lo a par do verdadeiro panorama da Casa de Câmara e Cadeia, transformada, não num museu estático e sem acervo, mas numa dinâmica fornalha de novos valores artísticos e culturais e convidá-lo a que passe por aqui e veja com seus próprios olhos o trabalho que estamos desenvolvendo.

"Creio ser interpretado em minhas linhas e somente nelas. Escrever entre as mesmas é próprio dos falsos. Ler nelas é indigno.

"Se o faço é por acreditar na nossa Imprensa e na idoneidade dos homens que nela militam.

"Obrigado por sua atenção e os meus melhores cumprimentos. Continue defendendo o nosso patrimônio histórico e cultural, mas não se esqueça daqueles que estão contribuindo para que o futuro também tenha o que recordar e defender."

## Notas

São Paulo está tomando conhecimento de um dos mais ricos acervos da história da fotografia. Trata-se da exposição "Agfa Foto-Historama", que o MIS — Museu da Imagem e do Som está mostrando até do dia 19 de abril.

A exposição relativa aos 150 anos da história da fotografia, apresenta simultaneamente duas retrospectivas: a evolução técnica fotográfica através do aperfeiçoamento de câmeras e equipamentos, e o papel histórico da fotografia como testemunho do cotidiano.

Os caminhos da fotografia no Brasil, que também estão sendo mostrados, resultam dos estudos e pesquisas de Boris Kossoy, especialista da arte fotográfica no País.

*

Palestras, mostras, debates, introdução prática à linguagem televisiva, aluguel de estúdio e equipamentos. Estes são alguns dos itens que um novo espaço em São Paulo, à rua Cardoso de Almeida 2289, pretende reunir para oferecer aos interessados em video-tape. Maiores informações pelo telefone 62-8447, das 12 às 19 horas.

*

Alex Flemming inaugurou no dia 25 último individual no Centro Cultural Brasil-Israel em Telaviv. Convidado pelo Itamarati, sob os auspícios do Embaixador do Brasil Vasco Mariz, Fleming comparece à inauguração da mostra que abrange toda sua série "Paulistana" (exposta ano passado no MASP), bem como suas gravuras que representaram o Brasil na I Trienal Latino-americana de Gravura em Buenos Aires, além de gravuras eróticas. "É uma honra para mim ser convidado pelo Itamarati a divulgar a arte brasileira no Exterior" diz Fleming, também muito atarefado com os preparativos de sua exposição em abril em São Paulo, na Galeria Paulo Figueiredo.

*

A Galeria Bafisud (av. Paulista, 967) inaugurou no dia 26 (até 11 de maio) a mostra de quatro artistas "geométricos de longa e fecunda trajetória": Lotar Charoux e Odeto Guersoni, de São Paulo e José Pedro Castigliolo e Maria Freire, d Montevidéu.

*

O Condephaat, Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico, abrirá hoje em Cananéia mais uma exposição de rua, composta de 22 painéis fotográficos retratando um pouco da história da cidade e seus principais monumentos. A exposição ficará um mês na Praça da Matriz e, depois, os painéis serão doados pelo Condephaat à Prefeitura local.

A mostra "Esta Cidade E Sua" vai ser inaugurada pelo secretário da Cultura, deputado Cunha Bueno.

Charoux e Guersoni estão expondo o seu trabalho abstrato. Oriundos do expressionismo, cada um realizou sua obra geométrica marcante (Charoux, via concretismo) que garantiu a ambos posição de destaque.

Os painéis fotográficos que ficarão expostos na Praça da Matriz incluem textos que abordam o surgimento do povoado que deu origem a Cananéia e a sua evolução até hoje: a primeira expedição colonizadora portuguesa, comandada por Martim Afonso de Sousa, aportou em Cananéia em 1531 e ali já encontrou um núcleo com cerca de 200 pessoas.

Em 1578, o povoado foi elevado à categoria de vila com o nome de São João Batista de Cananéia, passando, em 1587, à condição de município.

No século 17, São João Batista de Cananéia passou a ter na pesca sua principal atividade econômica. Até hoje, a pesca, o beneficiamento do pescado e a criação de ostras são, ao lado do turismo, as principais fontes de renda do município que, em 1905, passou a chamar-se apenas Cananéia.

Ainda neste ano, a Secretaria da Cultura promoverá exposições de rua nas cidades hitóricas de Bananal e São Luís do Paraitinga.

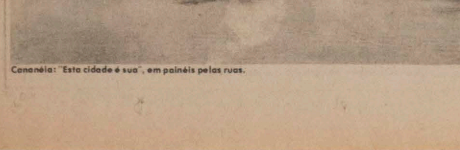
*

Escreve Raquel Babenco:

"Na introdução à entrevista de José Resende, que foi publicada em "Artes Visuais" no último domingo, a exposição nesta galeria é mencionada como "alvo de uma homenagem". Por solicitação do próprio Resende, gostaria de esclarecer a você que a exposição de Resende não teve absolutamente este caráter e não haveria razão nenhuma para isso.

"O Gabinete de Arte acredita que o trabalho tenha interesse suficiente por si mesmo e, de outro lado, pelo que é dito na própria entrevista, está claro que Resende não aceitaria uma exposição com este caráter, de forma nenhuma.

"Esta exposição, portanto, programada já em fins de novembro, se insere na linha de produções que a galeria acredita, e com as quais vem trabalhando."



Cananéia: "Esta cidade é sua", em painéis pelas ruas.

## Discos/Lançamentos

Redescoberta de ótimas peças de Chiquinha.

Imensas qualidades num excepcional LP.

Nove faixas de ritmo pesado.

Um trabalho para ser levado a sério.

# Piano de Chiquinha e várias versões do jazz

JOÃO MARCOS COELHO

Aos pouquinhos, o setor de jazz e clássicosvai despertando de um sono que já se arrastava desde dezembro passado. Cerca de quatro discos de jazz foram distribuídos esta semana pela Copacabana, que representa no Brasil o selo alemão MPS. E, por outro lado, a CBS escolheu um LP do vastíssimo catálogo da Columbia americana para iniciar o seu ano clássico. Entrementes, a agora misteriosa Odeon distribuiu silenciosamente às lojas um único disco do gênero.

Stu Goldberg: "Solos, Duos,Trios"; com Stu Goldberg, piano, minimoog, sintetizador e cembalo; L. Subramaniam, violinos, viola e tampura; e Larry Coryell, violões de seis e doze cordas(MPS/Copacabana) — Este magnífico disco apresenta ao público brasileiro o tecladista Stu Goldberg, nascido há 27 anos em Massachusetss, Estados Unidos. Este é seu primeiro LP como líder; e Stu já trabalhou na Mahavishnu Orchestra de John MacLaughlin em 1975, com o baterista Alphonse Mouzon nos dois anos seguintes e em 1978 participou do grupo do pistonista Freddie Hubbard. De formação clássica, Stu reflete nesta gravação as principais influências que recebeu profissionalmente. De MacLaughlin, a tendência orientalista que se concretiza em duas faixas, na de trio (a calma "Vrindâvan") e no duo com o indiano Subramaniam ("Satya Priya"). Mas o melhor desta gravação realizada em março de 1978, com produção do crítico alemão Joachim-Ernst Berendt, está nas duas faixas em piano solo e nos dois duos com Coryell. Sozinho, Stu mostra no piano acústico que possui uma linguagem própria afastada o suficiente das atuais estrelas do solo internacionais, como Keith Jarret, Chick Corea ou Herbie Hancock. E distribui sonoridades e encadeamentos intrigantes, amparado por uma técnica impecável (em "Westwart Reach" e na extensa "Ama Dablam", de mais de 10 minutos). São temas que não privilegiam o ritmo, ao contrário da parceria com Coryell, a quem conheceu quando trabalhou na Mahavishnu. A extraordinária Pulsação do "I'll Remenber April" provoca grande impacto, enquanto "Solar Eind" ressalta a integração dos músicos. Excelente lançamento.

Alphonse Mouzon: "In Search of a Dream"; com Philip Catherine, violão e guitarra elétrica, Joachim Kuhn e Stu Goldberg, teclados, Bob Malik, sax-tenor, Miroslav Vitous, baixo elétrico, e Mouzon na bateria e parcussão (MPS/Copacabana) — Mouzon, como Vitous, conheceu a famaquando trabalhou no Weather Reaport.O disco, gravado em 1977, conta ainda com a participação de Stu Goldberg, então membro regular do grupo de Mouzon, e do pianista alemão free Joachim Kuhn (aliás, a Copacabana bem que poderia lançar no Brasil o LP de piano solo de Kuhn). Mouzon andou fazendo muita besteira comercialóide desde que se desligou do Weather Reaport. Neste disco, para o qual também foi chamado o guitarrista belga Philip Catherins (no violão e na guitarra elétrica), Mouzon retorna à vertente mais fogosa do Weather de Zawinul e Shorter. O resultado são nove faixas inflamadas, em que ao ritmo pesado de Mouzon se casam os ótimos improvisos de Kuhn, Catherine e Stu Goldberg, além, é claro, da proverbial competência de Miroslav Vitous no baixo. As restrições ficamcuriosamente a cargo do líder, que se excede em vários solos de bateria um tanto prolixos.

George Shearing: "The Many Facets of GS"; com Shearing, piano; e Andrew Simpkins, contrabaixo (MPS/Copacabana) — O velho Shearing, tantas vezes acusado de tocar mero pianinho de coquetel, mostra aqui por que deve ser levado a sério. Em praticamente metade das onze faixas, Shearing toca sozinho, fazendo as delícias de quem querencontrar por debaixo do pianinho fim-de-tarde algo mais. Como os seus "block-chords", por exemplo; ou a sua sutileza no encadeamento dos improvisos. Para meu gosto pessoal, entretanto, o melhor são os duos com o contrabaixo discreto, eficiente, de Simpkins, membro regular de seu trio desde 1968. "Here, There and Everywhere", dos Beatles, por exemplo, é contagiante, enquanto "Yours Is May Heart Alone", tema retirado de uma opereta da década de 20 assinada por Franz Lehár, dá espaço para um bom solo de Simpkins. Shearing, enfim, é um pianista agradável de se ouvir — como Erroll Garner, aliás, de quem ele toca "Misty" — mas que não se perde em banalidades óbvias.

The Elvin Jones Jazz Machine: "Remembrance"; com Pat Labarbera, saxes soprano e tenor; Michael Stuart, saxes soprano e tenor; Roland Prince, guitarra; Andy McLoud 3.º contrabaixo; e Elvin Jones, bateria (MPS/Copacabana) — S[e] fosse preciso escolher um entre os quatr[o] lançamentos MPS da semana, eu cer[]tamente optaria por Jones. O disco não [é] apenas uma incrível aula de bateria, on[de] o mestre e mais determinante bateris[ta] dos anos 60 mostra por que continu[a] atualíssimo, mas registra momentos [de] alta musicalidade de um grupo coeso [e] jovem no qual Elvin assume a posição d[e] pai musical que sistematicamente s[e] recicla. Os vários anos em que trabalho[u] com John Coltrane serviram-lhe para ins[]taurar uma nova concepção da bateria. Através de sua polirritmia — que esconde, sob a multiplicação dos ritmos, a pulsação jazzística —, ele estimula não só ritmicamente seus parceiros, mas chega a tirar do instrumento melodias de timbres. Observem sua complexa introdução em "Section B" e a habilidade de Pat no soprano e de Michael no tenor. O disco foi gravado, igualmente sob produção de Berendt, em 1978, e não há como destacar um entre seus sete temas. A lentidão propositai de "Kalima", o lirismo de "Beatrice" e o inacreditável e maduro improviso de Jones em "Remembrance" são apenas algumas das imensas qualidades deste excepcional LP.

Clara Sverner: "O Piano de Chiquinha Gonzaga", volume 2 (Angel/Odeon) — Chiquinha Gonzaga é a ponte perfeita entre a música popular e a clássica, pois ela mesma transitou — como Nazareth e os outros "pioneiros" do século passado no Rio de Janeiro — entre os dois pólos com muita desenvoltura. Clara, uma das raras pianistas conscientes deste País, que se propõe sempre a realizar um trabalho coerente, redescobre outra série de deliciosas peças assinadas pela primeira feminista/musicista do Brasil. E, como não poderia deixar de ser, a produção executiva do disco ainda é de Maurício Quadrio , aliás, um de seus últimos encargos na Odeon.

Khachaturian: "Concerto para Piano e Orquestra" e Liszt: "Fantasia Húngara"; Com Philippe Entremont, piano; The New Philharmonia Orchestra; regência de Seiji Ozawa (CBS) — Alguém precisa orientar, com urgência, o programador de clássicos da CBS. Como, num catálogo tão vasto, escolher um disco que é, a um só tempo, antigo (de 1972), e de repertório equivocado? Talvez o tenha atraído o nome do maestro japonês Seiji Ozawa, atualmente na Sinfônica de Boston. O fato é que o concerto do armênio Aram Khachaturian não oferece muito mais do que o exótico — no mal sentido — também é a "Fantasia Húngara", de Liszt, concebida numa ótica que Privilegia sobretudo a música cigana mostrando-a como húngara — num equívoco que se sedimentou até o início deste século, quando Béla Bartok encarregou-se de descobrir o real folclore de seu país. As interpretações são corretas, mas de que adianta isso?

Magnífico disco de apresentação.

Disco antigo e de repertório equivocado.